

Mitos e contos dos índios Kayapó (Grupo Kuben-Kran-Kegn)¹

Myths and tales of the Kayapó Indians (Kuben-Kran-Kegn Group)

Alfred Métraux

Traduzido por Jorge Domingues Lopes²
ORCID: 0000-0003-2211-8029

DOI: 10.26512/rbla.v13i01.38989

Recebido em maio de 2021 aceito em julho de 2021.

Descida dos homens para a terra

Antigamente, todos os homens viviam no céu. Alguns ainda estão lá e são as estrelas.

No tempo da vida celeste, um velho viu, durante uma caçada, um tatu e começou a persegui-lo. O tatu se metia na terra e o homem cavava o mais rápido que podia para pegar o animal. O homem cavou durante um dia todo sem conseguir pegar o tatu. Ele voltou para casa, mas, no dia seguinte, retornou para cavar de novo. Ele dizia à sua mulher: “Eu quero pegar esse tatu.” Ele cavou assim durante oito dias e já ia agarrar o tatu quando o animal caiu em um buraco. O velho o viu descer como um avião (*sic*)³, cair em um grande campo e fugir em direção à mata. O homem alargou o buraco para poder olhar embaixo, mas o vento tornou-se tão forte que o jogou para a superfície. O vento continuava a soprar pelo buraco e o alargava cada vez mais. Quando o homem voltou para a aldeia, perguntaram para ele: “Onde está o tatu? — Ele caiu em outra terra abaixo de nós, uma terra que tem bonitos campos e que não é como a nossa, é coberta de florestas. Mas o vento soprou e me trouxe de volta pra cá.” A história foi espalhada até o *ngobe*⁴. Os homens enviaram um *me-okre*⁵ procurar o velho para que ele contasse o que havia acontecido com ele. Toda a assembleia decidiu ir ver o buraco. O vento o tinha ampliado e os belos campos estavam visíveis. Tomados de vontade de descer, os homens juntaram no *ngobe* todas as cordas e fios

⁵ Rapaz de 13 a 14 anos.

que eles tinham. Eles fiaram uma corda única que experimentaram no dia seguinte, mas ela era muito curta ainda e só chegava até metade do caminho. Com outras pontas de fios, os homens alongaram sua corda até que ela fosse bastante longa para chegar à terra. Um *kuben-kra* (filho de um homem) se ofereceu para descer primeiro. Eles o prenderam bem e o fizeram descer. O vento o empurrava para cá e para lá. Enfim, ele chegou aos campos, achou-os lindos e voltou. No céu, ele disse: “Lá embaixo, os campos são lindos, vamos descer e viver lá.” Eles o fizeram descer mais uma vez e ele prendeu a extremidade da corda em uma árvore. Então, homens, mulheres e crianças deslizaram pela corda. Eles pareciam formigas descendo por um tronco. Vários não ousaram descer, e preferiram ficar no céu. Eles cortaram a corda para impedir uma nova descida.

Origem do fogo

Há muito tempo, os homens não possuíam o fogo. Quando eles matavam caça miúda, eles cortavam a carne em pequenas tiras que eles estendiam sobre pedras para secar ao sol. Eles se alimentavam também de pau podre.

Um homem, indo à mata, viu duas araras saírem voando de um buraco na rocha. Pensando que o ninho das aves devia se encontrar lá e que devia ter ararinhas novas, ele disse à sua mulher quando voltou para a aldeia: “Eu vi um buraco na rocha onde tinha com certeza filhotes de arara. Amanhã eu vou lá com teu irmão pegá-los.” E, no dia seguinte, ele partiu com seu cunhado. Quando eles chegaram ao pé das rochas, o marido cortou uma árvore, entalhou-a e colocou a escada assim confeccionada contra as rochas para que o cunhado pudesse alcançar o ninho. Ao chegar lá, o cunhado só encontrou pedras redondas. O marido permaneceu embaixo da falésia e perguntou o que ele tinha encontrado. “Nadinha. — Isso não é verdade”, respondeu o outro, “ontem eu ouvi o barulho nessa fenda da rocha. — Não, não há nada. — Deve ter alguma coisa.” O escalador gritou finalmente: “Sim, tem dois ovos aqui.” E deixou cair as pedras em cima de seu cunhado, que as recebeu com as mãos, machucando-se. O homem afastou-se, virou a cabeça e retirou a escada, que ele jogou longe, no mato. Abandonando o outro sobre a rocha, ele voltou para casa. Sua mulher perguntou onde estava o companheiro dele. “Na mata, ele se atrasou, vai chegar logo”, respondeu o marido. A mulher repetiu a pergunta várias vezes e, a cada vez, a resposta foi a mesma: “Ele vai voltar logo.” Quando caiu a noite, a mulher acusou o marido de ter matado seu irmão. Ele negou e afirmou ainda seu retorno.

Durante toda a noite ela esperou e chorou. No dia seguinte, o marido disse que ia à mata procurar seu cunhado; ele voltou à noite, contando que tinha visto pegadas do cunhado indo na direção da casa, mas que ele não conseguiu encontrar.

Durante esse tempo, o cunhado morria de fome e de sede em cima da pedra e limitava-se a comer seus excrementos e a beber sua urina. Ele ficou muito magro e estava quase morrendo quando um jaguar, que carregava um caititu sobre os seus ombros, vinha passando. O animal viu no chão a sombra projetada pelo homem e procurou pegá-la. O homem recuou, mas inclinando-se mais uma vez, o jaguar deu um arranhão em sua sombra. O jaguar olhava para todos os lados, depois, cobrindo a boca, levantou a cabeça e percebeu o homem sobre a rocha. Ele perguntou para o homem o que ele fazia ali, porque estava tão empoleirado daquele jeito. O homem contou: “É meu cunhado que descobriu um ninho de arara, me fez subir nessa rocha e depois retirou a escada. Eu estou comendo minhas próprias fezes.” O jaguar deixou o caititu, cortou uma árvore, entalhou uma escada e subiu até onde estava o homem. Ele lhe propôs de subir sobre suas costas, mas o homem, vendo antes os dentes do jaguar, teve medo e recusou duas vezes. O jaguar insistia, e sempre o homem, assustado, recusava. O jaguar desceu, colocou o caititu em suas costas e propôs ao homem montar no animal. Tranquilizado, o homem aceitou. Eles se dirigiram à casa do jaguar. Quando eles chegaram lá, a mulher do jaguar fiava. Vendo seu marido, ela disse: “Tu trazes o filho de um outro.” O jaguar explicou: “Eu não tinha companhia. Ele será meu companheiro e irá caçar comigo. Mas ele é muito magro, é preciso fazer com que ele engorde dando-lhe muita comida.”

O homem ficou, então, na casa do jaguar e comeu. Ele estava quase voltando a engordar quando o jaguar, que falava na caça, disse a ele: “Fica aqui com minha mulher. Se tiveres fome, pega um pedaço de anta que assei no forno.” Quando teve fome, o homem quis pegar um pedaço de anta, mas a mulher do jaguar lhe sugeriu um pedaço de veado. O homem não prestou atenção na proposta e foi até o forno, mas a mulher o chamou. “Olha pra mim”, disse ela. Ela mostrou suas garras. O homem ficou com medo e fugiu para a mata. Ele caminhou durante muito tempo até que subiu em uma árvore. O jaguar, que voltava para casa, viu o homem e perguntou o que ele fazia ali. O outro contou o que se passara e que a mulher do jaguar havia tentado matá-lo. O jaguar o levou consigo e repreendeu sua mulher. “Não faça isso, ele é nosso filho. — Eu só estava brincando”, disse

a mulher. O homem ficou mais uma vez sozinho com ela. De novo, ele quis pegar um pedaço de anta, mas a mulher do jaguar de novo lhe ordenou para se contentar com veado. Como ele insistia para pegar da anta, ela o ameaçou: “Olha pra mim”, e ela mostrou suas garras. O homem fugiu e, tendo encontrado o jaguar, contou-lhe que sua mulher havia tentado mais uma vez matá-lo. O jaguar o levou para casa, repreendeu sua mulher, que disse: “Eu só estava brincando.”

Quando o jaguar partiu outra vez para a casa, o homem o acompanhou e, na mata, o jaguar disse a seu amigo: “Eu vou fazer para ti um arco e flechas para matar minha mulher se ela te mostrar mais uma vez suas garras. Não tenha medo e mire direto no coração.” Ele fez, então, armas e as deu para ele. O homem ficou com a mulher-jaguar e, como antes, ele se aproximou do forno para tirar a carne de anta. Enquanto ele fingia remexer as folhas, a mulher botou para fora suas garras. Ele se voltou para ela e lançou duas flechas que a acertaram de lado a lado. Ela caiu morta. O homem encheu um paneiro com fios de algodão e outro com carne. Ele queria também levar o fogo, mas não podia, sozinho, carregar a brasa que era um tronco de jatobá. Ele cortou um pedaço da árvore com um machado.

O jaguar havia indicado a ele o caminho de sua aldeia. Ele caminhou na mata, atravessou rios e conseguiu encontrar um caminho que o conduziu à aldeia. Ele escondeu o fogo e tudo o que ele havia pegado na mata, e se aproximou. Ele percebeu sua irmã e a chamou. Quando ela o viu, ela se pôs a chorar, depois foi avisar sua mãe. Tomando conhecimento da chegada de seu filho, a mãe se entristeceu, mas não lhe respondeu e se escondeu. Ele dormiu junto do fogo e no dia seguinte voltou para a casa de sua mãe com todas as coisas que ele pegara na casa do jaguar. A mãe chorou e gritou: “Meu filho traz tantas coisas: carne, fio, fogo.” Eles acenderam o fogo, se esquentaram, assaram a carne e a acharam boa.

Os homens do *ngobe*, reunidos, enviaram um *me-okre* procurar aquele que tinha trazido o fogo. Eles lhe pediram para conduzi-los até o local onde ele o havia encontrado. O homem contou sua história e todos decidiram ir à procura do fogo e dos bens do jaguar. Para conseguirem seu intento, eles se metamorfosearam em animais e se distribuíram entre si as tarefas. Um homem grande e forte deveria se transformar em anta e pegar o tronco de jatobá, um segundo, se transformar em pássaro *yao* e apagar as brasas, a um terceiro, mudado em veado, estava incumbido de carregar a carne, e a um quarto, tornado queixada, de pegar os fios de algodão. O herói da aventura

se pôs à frente da expedição e os conduziu até a casa do jaguar. A anta se aproximou com cuidado para reconhecer os locais, mas não viu ninguém, o jaguar tinha partido. A anta pegou o tronco de jatobá, a queixada pegou os fios de algodão e o veado, a carne. Eles voltaram para a casa deles e as mulheres se apressaram em recolher folhas secas para fazer pegar o fogo. Eles cortaram o tronco do jatobá e cada um pegou um pedaço para fazer fogo.

A avó, a criança e o jaguar

Depois do ataque de sua aldeia por um grupo vizinho, uma mãe fugiu para a mata com suas duas filhas e com a criança de uma destas. Como elas passavam pelo pé do jenipapeiro, uma das filhas subiu na árvore para colher frutas, enquanto a outra permaneceu embaixo para as aparar. A que subiu deixou cair um jenipapo na cabeça de sua irmã, que foi transformada em paca (*nra*). A mãe começou a chorar e a repreender a filha que continuava no alto da árvore. Esta, com suco de jenipapo, desenhou listras em seus braços; ela foi então metamorfoseada em macaco (*kukoire*). A mãe se lamentava: “Minhas filhas foram transformadas em bichos. Uma se tornou uma paca, a outra em macaco.”

Ela continuou a viagem com o menino. Chegando na beira de um rio, ela deu banho na criança, deu-lhe algo para beber e se meteu com ele na mata. Como a criança ficou com fome e sede, ela tentou amamentá-lo, mas seus seios estavam secos. A criança chorava de fome. A avó decidiu, então, voltar para o rio para lhe dar de beber.

Quando ela chegou à margem do rio, o *mobtoiti* (enguia) lhe disse: “Teu filho é um menino ou uma menina: — É um menino. — Me dá ele. Eu o criarei e quando ele crescer, eu te devolverei. — Não, disse a avó, eu quero que ele fique comigo. — Me dá ele, repetiu o peixe. — Não. — Tá bom! Eu vou secar o rio e tu não vais poder nem beber nem te banhar,” ameaçou o peixe. Ele fez como havia dito, e a mulher e a criança tiveram de voltar para a mata. A criança tinha cada vez mais sede e não parava de chorar. A avó encontrou raízes de cipó que continham água, e isso aliviou a sede do garoto. Ela o pintou com jenipapo e urucum.

Passando por um lugar rochoso, eles encontraram o jaguar que, naquela época, era branco e vermelho, sem manchas negras. A mulher ficou com medo e pensou que o jaguar iria devorá-los. Mas o jaguar disse: “*T-Tabdyuö*

(minha sobrinha ou minha filha), vem aqui. — Não, eu estou com muito medo. — Vem, eu estou falando, pois eu te chamei minha filha. — Não, tu vais me comer. — Eu não vou te comer, eu estou cheio.” E o jaguar perguntou: “Como fizeste pra ter essa criança tão bonita?” A avó mentiu: “Eu esquentei várias pedras em um grande forno e a coloquei dentro. Quando eu a tirei, sua pele estava tão macia, que, com meus dedos, eu pude desenhar essas linhas.” O jaguar pediu: “Me pinta como ele.” A mulher foi procurar pedaços de pau e grandes pedras que ela esquentou bem. Ela pegou, em seguida, duas forquilhas que ela enfiou em cima do forno. Ela disse ao jaguar: “Deite-se aqui.” Com as forquilhas enfiadas uma na garganta e a outra no ventre do jaguar, ela o mantém contra as pedras. Quando ele ficou assado de um lado, ela o virou. O jaguar gritava: “Eu vou morrer, eu vou morrer, tu me enganaste.” E ele morreu. A mulher e a criança foram embora. Eles já estavam longe quando a criança, que estava com fome, disse: “Deixaste tua tipoia perto do forno. Eu vou lá buscar.” Chegando perto do forno, ele comeu muita carne de jaguar. A avó, que o esperava, começou a ter uma crise de soluços e disse: “Será que meu filho está comendo a carne do jaguar?” Ela saiu à sua procura. Ela o encontrou no meio do caminho e lhe perguntou: “Comeste da carne do jaguar?” “Não”, disse a criança, mas sua boca estava ainda toda suja com gordura. E ele se pôs a correr na mata. Sua avó nunca o encontrou. Ele enlouqueceu, porque, tendo comido da carne do jaguar, e não foi tratado por um *wayagare* (homem-medicina). Este dá uma infusão de ervas que evita a loucura.

O jaguar, o sapo, o tamanduá e o pássaro

O jaguar, *ropkrore*, não parava de passar na frente do sapo, *brire*. Irritado, este disse: “Nunca passe na minha frente. — Não sou eu, respondeu o jaguar. Há muitos jaguares aqui. São eles que passam na tua frente. — Bom, então, que eles rujam”, reclamou o sapo. O jaguar correu de um lado pro outro rugindo para fazer o sapo acreditar que havia vários felinos. O sapo, por sua vez, quis parecer forte e fez vários coaxos. Espantado, o jaguar, crendo que os sapos poderiam comê-lo, fugiu. Em sua corrida, ele enfiou um espinho no olho. Um tamanduá vinha passando, viu o jaguar deitado e perguntou a ele o que tinha. “Os sapos coaxaram, explicou o jaguar, eu fiquei com medo e correndo eu acabei enfiando um espinho no olho. Tira isso de mim.” O tamanduá, em vez de arrancar o espinho, extirpou o olho. O jaguar urrou. O pássaro *yao* o ouviu e perguntou: “*I-kranu* (meu sobrinho), que tu tens?”

— O tamanduá tirou um olho meu. — Eu vou buscar um remédio pra ti.” O pássaro pegou a resina de jatobá e fez um olho que ele colocou na órbita do jaguar. “Jaguar, tu estás vendo? — Um pouco. — E agora? — Melhor.” Enfim, o jaguar pôde ver de longe e decidiu partir em busca do tamanduá, por mais que este tivesse dito estar bem longe. Ele encontrou seu rastro e o seguiu. Ele passou por campos, rios e montanhas até que se juntou a ele. O tamanduá, perseguido, escondeu-se em uma fenda do rochedo, mas ele não conseguiu colocar seu pé, que ficou de fora. O jaguar disse: “Meu sobrinho, levanta e sai. — Não, recusou o tamanduá, eu estou bem aqui. Eu estou com sono. — Levanta e sai, ou eu como teu pé, pois tu arrancaste meu olho.” Ele não conseguiu tirar o tamanduá pelo pé, mas ele devorou toda a sua carne e o tamanduá ficou em seu buraco.

Origem do milho

Depois de terem recebido o fogo, os moradores da aldeia foram acampar próximo a um riacho. Uma velha mulher, Nikorekwe, enfeitou com bandagens de cera a cabeça de sua filhinha, pintou-a com jenipapo e urucum, depois a trouxe consigo para o rio. Na beira da água, um rato, *amyure*, escalou no ombro da velha mulher que o expulsou dali. O rato subiu novamente e, de novo, ele foi expulso do ombro. O animal disse então: “Eu quero te mostrar uma coisa boa de comer.” Ele lhe forneceu grãos e revelou: “É *baü* (milho).” A velha senhora gostou, achou-os bons e perguntou onde o rato os tinha encontrado. “Próximo do riacho, uma árvore está coberta de grãos. O solo todo em torno está coberto de grãos e há também deles na água.” De fato, havia tantos grãos na água que, para se banhar aí, era necessário afastar as espigas. Nokorekwe encheu sua cabaça e voltou para a aldeia, onde ela triturou os grãos em um pilão. Ela colocou a farinha nas folhas de bananeira e assou sob as cinzas. As pessoas de sua família, a quem ela deu o biscoito, acharam-no bom e pediram mais dele. Todos vieram pedir mais dele. Fez-se uma festa e as crianças dançaram no lugar segurando espigas de milho na mão. Do *ngobe*, um velho os viu, chamou um deles e perguntou o que ele tinha na mão. A criança respondeu que era milho. O ancião gostou dele e o considerou tão bom que ele o pediu. Os jovens tinham grandes quantidades de milho no *ngobe* e todos os homens comeram. Fizeram vir Nikorekwe e a interrogaram: “Onde você encontrou esse milho? — Próximo do riacho, foi o rato *amyre* que me mostrou.” Todos decidiram ir procurar o milho, e pegaram paneiros. Eles começaram a bater o tronco do *baü-bari* (árvore

do milho) que trazia as espigas, cada um lhe dando golpes de machado. No fim do dia, a árvore estava bastante cortada. Mas quando os homens se acordaram pela manhã, eles viram que a árvore estava de volta ao seu estado original. Eles começaram a cortar desde a manhã, mas cada noite, os cortes do tronco se fechavam. Os homens pensaram então em queimar a árvore e eles foram buscar folhas secas e galhos. Nesse momento, chegou um jovem *me-boktire*. Os adultos lhe pediram para ir buscar um machado que eles haviam deixado na aldeia. Ele voltou com o machado, em companhia de um outro garoto que ele encontrou e capturou um gambá com cauda longa, chamado *ngina*. Embora seu camarada o tenha avisado sobre um animal tão feio e tenha lhe aconselhado a não o comer, o garoto assou o roedor e o devorou. Ele foi imediatamente transformado em velho. Ele era tão velho e tão magro que suas faixas de algodão caíram até seus tornozelos. Ninguém o reconheceu e ele teve de contar como, tendo comido o gambá, havia bruscamente envelhecido.

Os homens puseram fogo no tronco e, quando ele ficou totalmente queimado, eles o atacaram com seus machados. Eles bateram toda a noite sem interrupção. O corte não se fechou. Durante toda a manhã, ainda, eles trabalharam. Ao meio-dia, a árvore estava quase desabando, mas foi só à noite que ela caiu com um grande barulho. Os homens se lançaram sobre os galhos, cortaram-nos e pegaram todo o milho que eles puderam carregar. À noite, na aldeia, eles dançaram. Toda a população decidiu se dispersar. Os Kuben-kran-kegn se fixaram lá onde eles se encontram hoje.

Outro mito de origem das plantas cultivadas

O marido ciumento transformado em serpente canibal.

Antigamente, os índios não tinham milho. Eles só comiam frutas de *roiti* (tucum), de palmeira *rikre* (inajá), dos *akrani* (abacate), árvores e lagartos. Eles não tinham fogo e deviam fazer secar a carne ao sol, sobre rochas.

Naquele tempo, a mulher de um índio era cortejada por um outro homem. Para evitar ter de fazer um duelo contra seu rival, o marido decidiu partir para a mata com sua mulher. Ele a preveniu: “Eu sou casado contigo, mas há no *ngobe* homens que te desejam.” Como a mulher negava, o marido replicou: “Eu sei disso, alguém me disse. É por isso que partimos pra mata.”

Eles foram então para lá, caminharam durante muito tempo, subiram duas montanhas e quando o homem acreditou estar suficientemente longe

da aldeia, ele abriu uma clareira e aí plantou milho, mandioca, inhames, bananas.

Durante a noite, ele se transformou em uma enorme serpente canibal. Ao despertar, a mulher viu a grossa serpente, assim que ela acendeu o fogo. Ela gritou: “O que é isso?” A serpente veio aqui quando meu marido havia partido ou será que meu marido se transformou em cobra?” Ela chamou: “Ei! Meu marido!” A serpente, que tinha conservado a cabeça humana, respondeu: “Sou eu. — Como tu te transformaste em cobra? — Eu não sei. Eu dormia quando me transformei.” A cobra disse à sua mulher para ficar em casa, porque ele ia sair para caçar. Ele matou uma anta, caititus, um tatu. Em sua ausência, a mulher se pôs a pilar o milho.

Na aldeia, seu apaixonado a exigia. As pessoas falaram que ela tinha partido para a mata com seu marido e que ela não voltaria mais. O homem resolveu ir à sua procura. Ele caminhou durante muito tempo e, no alto de uma montanha, avistou fumaça. Ele parou, escutou com cuidado e ouviu o barulho de um pilão. Guiado pelo barulho, ele descobriu um caminho que o conduziu a um pequeno rio. Emboscado em um caminho, ele esperou. Não demorou a ver a mulher que se dirigia em direção ao rio para buscar água, com o pilão na mão. Ele assobiou para chamá-la. Ela virou a cabeça e o reconheceu. “Tu estás me procurando? — Sim. — Por que tu vieste? — Eu fiquei preocupado contigo e parti à tua procura. Me disseram que teu marido, por medo de mim, tinha te levado pra mata. — Eu não vou mais voltar pra aldeia, meu marido não é mais um homem. — Em que ele se transformou? — Numa cobra canibal. Queres vê-lo? — Quero. — Eu vou te levar lá em casa, mas é preciso, antes, ir buscar água. Me espera, eu volto logo!”

Ela retorna com seu pilão cheio de água. Eles vão para a casa dela e lá fazem amor. A mulher dá biscoitos ao seu amante e o quis dispensá-lo, mas ele se recusou a ir embora. Por mais que ela tenha tentado avisá-lo sobre seu marido canibal, ele quis vê-lo. Então, ela aceitou escondê-lo entre as espigas de milho, suspensas em um galho forçado. Escondido, o homem esperou.

À noite, a cobra chegou, carregando em suas costas uma anta, um veado, um tatu e um jabuti. Os amantes ouviram um grande barulho, parecendo um estrondo de uma correnteza. “Ouve, disse a mulher, ele está chegando. Fica tranquilo, não fala nada.” Entrando, a cobra pediu à sua mulher para guardar a sua caça e depois pediu comida. Na grande garganta aberta, a mulher derramou o mingau de milho, e uma enorme quantidade de água,

todo o conteúdo do pilão. Enquanto a cobra, empanturrada, ia se deitar, a mulher acendeu um grande fogo para assar aí a caça abundante. Ao longo da noite, a cobra perguntou quem estava lá. A mulher afirmou que não havia ninguém. “Não, eu acredito que há alguém, insistiu o marido. No dia seguinte, eu irei ainda caçar e trarei de novo muita caça.” A cobra ainda falou por muito tempo, mas o amante, escondido no milho, não se moveu.

A cobra partiu na manhã do dia seguinte, e, então, o homem desceu de seu poleiro e a mulher lhe diz: “Tu viste meu marido-cobra? — Sim, respondeu ele, e eu fiquei com muito medo.” A mulher o aconselhou a deixá-la e voltar para a aldeia. Eles fizeram amor, ela lhe deu de beber e comer, e ele se pôs a caminho. Antes de chegar à aldeia, ele encontrou um outro homem que lhe interrogou: “Oi, tudo bem? — Encontrei a mulher. — Onde? — Na mata. Ela tem uma ótima plantação.” O homem pediu para ser levado até lá e ver a cobra. O amante prometeu levá-lo no dia seguinte. Os dois homens foram até o caminho que levava ao rio. Quando a mulher os viu, ela perguntou por que eles dois tinham ido lá. “Pra te procurar, responderam eles. — Vão embora daqui, a cobra vai comer vocês.” O amante teve medo, mas seu companheiro decidiu ficar. A mulher o escondeu nas espigas de milho. Como na noite anterior, a cobra, entrando, fez um grande barulho e exigiu grandes quantidades de mingau e de água.

Durante a noite, a cobra perguntou quem estava lá. Embora a mulher tivesse orientado o homem escondido a não responder, este gritou: “O que há?” A cobra disse à sua mulher: “Eu ouvi falar. Quem está aí?” “Ninguém”, respondeu a mulher. “É somente o eco da tua voz. — Não, há alguém.” A cobra saiu e procurou em toda parte. Ela acabou por sentir o homem e se enrolou em torno do tronco que tinha o milho até que descobriu o visitante. Ela o prendeu. O homem gritava, chamando seu pai e sua mãe, mas a cobra o devorou. Depois ela perguntou à sua mulher se a vítima era seu amante. “Não, respondeu a mulher, eu nem mesmo o vi. Ele deve ter se escondido no milho enquanto eu estava no rio. — Pois bem! Ele queria contar à aldeia o que nós fazemos e eu o comi.” O amante permaneceu escondido não longe de lá e viu o que aconteceu. Quando a cobra foi se deitar ao sol em frente de sua casa, o homem saiu de seu esconderijo e voltou para a aldeia.

Perguntaram a ele o que havia acontecido com seu companheiro, e ele contou que a cobra o comera. Os homens da aldeia se pintaram com carvão como para partir para a guerra e foram à procura da cobra. O animal dormia e digerira sua presa quando eles chegaram. Os guerreiros a cercaram e, todos

juntos, lhe acertaram suas flechas. Os homens pegaram o milho, as outras plantas e queimaram a casa.

A mulher da cobra já havia dado à luz pequenas cobras, mas quando seus parentes a levaram à aldeia, ela estava ainda grávida. Na aldeia, ela pariu várias cobras que as pessoas mataram, por medo de serem mordidas. A mulher chorava e dizia: “Quem vai me dar comida?” Ela foi procurar seus filhos na mata e disse: “Os homens mataram o pai de vocês. Quando os encontrarem, mordam eles.” É por isso que as cobras picam os homens e os matam.

Origem da chuva e do raio

Um grupo de jovens, que havia saído para caçar, matou uma anta. Entre eles estava um homem, com nome de Bepkororoti, que foi encarregado de decepar o animal e de tirar as tripas dele. Enquanto, no rio, ele tinha ficado com os intestinos, os outros caçadores dividiam entre si toda a carne, e só deixaram para ele duas patas. Bepkororoti reclamou e se aborreceu, mas ninguém fez nada sobre isso. Voltando para sua casa, ele pediu à sua mulher para lhe raspar a cabeça e pintá-la com urucum e jenipapo. Ele lhe explicou: “Me encarregaram de tirar as tripas e só me deram as patas. Eu estou com muita raiva. Eu vou para o alto dessa montanha. Quando vires uma nuvem negra, não vem e te esconde.” Ele preparou um arco e flechas, e uma enorme e larga borduna (*kop*), em cuja ponta ele esfregou sangue de anta. Ele levou consigo seu filho e escalou a montanha. No alto, ele começou a gritar como uma manada de caititu. Ouvindo esse barulho, os índios correram para caçar os animais. Mas, então, um relâmpago (*adyen*) rasgou o céu, trovão (*krikrit*) ressoou, Bepkororoti fez chover (*na*) e cair o relâmpago que matou muita gente. Ele e seu filho subiram ao céu.

A filha da chuva e a origem das plantas cultivadas

No céu, Bepkororoti se casou de novo com a chuva e ele teve uma filha *Na-Kra* (de *na*: chuva e *kra*: criança). As duas mulheres lutaram entre si e a mãe venceu a filha. Esta, aborrecida, desceu para a terra. Em um canto da floresta, um grupo de índios avançava. Um deles se afastou para urinar e percebeu, então, Na-Kra que o observava, escondida atrás de uma árvore. “Quem és tu? perguntou ele. — Eu sou a filha da chuva. Eu lutei contra minha mãe. Ela me venceu e eu vim para cá.” Ngodyure, era o nome do

homem, fez com que ela entrasse em uma grande cabaça, que ele fechou cuidadosamente e levou para a casa dele. Ele pediu aos seus parentes para nunca tocarem aquela cabaça, que ele colocou em uma prateleira. De noite, ele tirava de lá Na-Kra e ela dormia com ele. A mãe de Ngodyure começava a se dar conta de que uma mulher dividia a cama de seu filho, mas ela não chegava a vê-la. Um dia que o rapaz havia saído para caçar, ela abriu a cabaça e viu lá uma mulher com longos cabelos, toda branca, que estava com a cabeça abaixada. “De onde tu vens? Perguntou a mãe. — Do céu, respondeu Na-Kra.” A mãe a fez sentar em uma esteira, raspou sua cabeça com um pedaço de taboca e a pintou com jenipapo e urucum. Na-Kra ficou sentada na esteira do marido dela até que ele voltasse. Quando ele chega, Ngodyure fica furioso e pergunta quem tinha aberto a cabaça. “Fui eu, confessou a mãe. Tua mulher tinha cabelos longos e estava toda branca. Eu a raspei e a pinte com jenipapo e urucum.”

Na-Kra engravidou e deu à luz a um menino. A criança tinha sempre fome. Naquele tempo, as pessoas só comiam madeira apodrecida e frutas. A jovem mãe resolveu ir procurar batatas, mandioca e bananas. Com seu marido e seu filho, ela foi a um bosque de buriti. Ali, ela pediu que Ngodyure a esperasse ao pé de uma árvore e ela subiu em um buritizeiro para chegar ao céu. Ngodyure espera por muito tempo e conclui que sua mulher não voltaria mais. Ele se preparava para voltar para sua casa quando ele a viu voltar com um panelo cheio de raízes. Ela estava acompanhada de três mulheres e de três homens, dentre os quais se encontrava seu pai, Bepkororoti. Este falou a seu genro: “Tu esposaste minha filha descida do céu. Ela permanecerá junto de ti contanto que tu não batas nela. Graças a ela, tu poderás comer em abundância batatas, jerimuns e bananas. Mas, principalmente, não bata nela.” Com essas palavras, ele se transformou em chuva e voltou pro céu. O casal voltou para a aldeia, carregado de boas coisas. Ele preparou uma grande horta onde plantou todo tipo de plantas.

Origem da noite

Um grupo de Kayapó partiu em viagem na direção do Araguaia. Ele atravessou vários países habitados por homens estranhos. O país dos homens canibais (*kuben-kokre*), o dos homens com flechas envenenadas, o dos *kuben-pyone* (urubus), que têm a cabeça raspada como aquela dos urubus, o dos *kuben-kakãgo-kogri*, homens com grandes gargantas que levam no pescoço papos tão grandes que, para dormir, eles devem apoiá-los em varas

horizontais. Depois os viajantes passaram pelo país dos *kuben-muoñi-kradye*, homens com pênis tão longos que eles os enrolavam em torno da cintura, o país dos *kuben-yakati* (pessoas brancas como os “cristãos”), o país dos homens-tatus (*kuben-tone*) que possuem arcos enormes. Do país dos homens-tatus parte um caminho ao longo do qual vivem outros tipos de monstros: os *kuben-kene* (homens-pedras) que matam os perus selvagens (os *mutuns*) com pedras usadas como flechas, os *kuben-pore* (homens-taquara), cujos braços são lâminas de bambu afiadas com as quais eles cortam a garganta de seus inimigos, os *kuben-amone* (homens-piranhas), cujos dedos são dentes de peixes, os *kuben-brire* (homens-sapos), os *kuben-kukretire*, cuja cabeça é um enxame de abelhas e, enfim, os *kuben-mone* (homens-araras), que têm o corpo amarelo e gritam como araras.

E os Kayapó chegaram em uma região onde reinava a mais profunda escuridão. Os homens foram pegos por uma noite escura, tão escura que não podiam avançar. Eles acenderam, então, tochas de folhas secas para se guiar até o limite da região escura. Assim eles puderam atravessar a noite, e como eles estavam para usar suas últimas folhas, eles perceberam um brilho fraco e chegaram a uma zona iluminada pelo sol. Eles continuaram sua caminhada, mas, à medida que avançavam, a luz enfraquecia e a penumbra aumentava de novo. À beira desse segundo país da noite, eles se encontraram diante da cabana de Tyoipekro. Este vivia sozinho com sua filha, muito bonita. Ele era um homem todo negro “como o diabo.” Ele gritava: “Quem são vocês?” Os recém-chegados explicaram que eles tinham vindo de muito longe, e estavam à procura de coisas boas. O homem chamou sua filha para que ela desse de comer aos visitantes. Encantados por sua beleza, os Kayapó decidiram aproveitar a ausência do pai dela para levá-la consigo. Enquanto Tyoipekro se afastou para ir urinar, eles capturaram a jovem e fugiram com ela. Ao retornar, o pai ficou surpreso por encontrar a casa vazia; ele procurou por todos os lados, encontrou os rastros de sua filha e dos raptos. Ele seguiu os rastros por algum tempo, depois falou para si: “Deixa, eu não tenho porque me ocupar com eles. Eles voltarão, com certeza, para me pedir a noite.”

Na aldeia Kayapó para onde o grupo havia voltado, a moça se sentou na frente da porta de uma casa e chamou um rapaz para catar os piolhos dela. Este, sentindo o sexo da moça lhe tocando, desejou-a e falou para ela. O casal foi para um bosque. Pouco tempo depois, a moça chamou um outro rapaz da aldeia, e foi do mesmo modo com ele. Seu primeiro amante, partiu

à sua procura, e a surpreendeu na mata com o segundo. A moça, irritada, falou: “Para que não nos possam mais ver quando fizermos amor na mata, é preciso ir à casa de meu pai e lhe pedir a noite.” Ela aconselhou os jovens a evitarem o país dos canibais, o dos homens-urubus e o dos homens-tatus. Tyoipekro, vendo chegar os rapazes, lhes perguntou: “O que vocês fizeram com minha filha? Vocês a mataram? — Não, responderam eles, ela está na nossa casa e nos enviou para te pedir a noite, para que possamos fazer amor sem ser vistos.” Tyoipekro lhes deu uma grande cabaça, cuidadosamente fechada com fios de algodão, e lhes disse: “Independente de qualquer coisa, não abram esse recipiente. Ele contém um escorpião (*makre*) que pode morder vocês e lhes trazer coisas ruins.” Os homens pegaram a cabaça cheia de noite e iniciaram a viagem de volta. Eles estavam cansados demais e gostariam de desfrutar de um pouco de noite para dormir. Um dos rapazes sugeriu: “Vamos abrir a cabaça para tirar um pouco de noite.” Seus companheiros suplicaram para não fazer isso, mas ele estava determinado e abriu a cabaça para tirar dela a noite. A noite logo escapou e recobriu o mundo inteiro. O homem que tinha aberto o recipiente foi mordido, tentou fugir, mas foi imediatamente transformado em coruja.

A filha de Tyoipekro viu avançar a noite que envolvia todas as coisas. Ela compreendeu: “Eles levantaram a tampa da cabaça e a noite se espalhou.” Com uma pluma de arara que ela tinha na mãe, ela recolheu pedaços de noite, espalhados por todos os lados e os colocou dentro da cabaça. Ela só juntou uma parte da escuridão, deixando outra para que pudéssemos dormir e fazer amor.

Guerra contra os canibais

Canibais vivem não longe dos *Kuben-kran-kegn*. Eles moram no fundo de um buraco e, para chegar até eles, era preciso usar uma escada. O caminho que conduz ao seu esconderijo foi descoberto por uma tropa de guerreiros. Três homens avançaram como batedores e um deles, entrando em uma casa, viu um casal que estava copulando. Seus companheiros visitaram a vila, e por toda parte viram casais ocupados fazendo o mesmo. Eles pensaram: “Com certeza essa gente gosta de fazer amor.” Um dos canibais, deitado sobre uma mulher, virou a cabeça e percebeu os estrangeiros, pintados e emplumados. Ele compreendeu que se tratava de inimigos e começou a gritar. De todos os lados ecoaram “uo, uo, uo.” Todos os canibais se reuniram e discutiram

na casa dos homens. “Homens com cabelos longos vieram. Eles voltarão, vamos esperá-los, atentos, na aldeia.”

Ao raiar do dia, os Kuben-kran-kegn cercaram as casas e começaram o ataque. Eles gritavam “uooo...” e batiam em suas bocas. Eles mataram muitos canibais e tomaram a aldeia. Um índio, entrando em uma cabana, encontrou lá uma trombeta. Ele a soprou. Imediatamente os canibais em fuga se juntaram e massacraram os atacantes. Dois Kuben-kran-kegn conseguiram escapar e se esconderam na mata. Um disse para o outro: “Volta pra aldeia e conta aos nossos o que está acontecendo. Quanto a mim, vou ficar aqui para matar mais alguns desses canibais.” O companheiro recusou e preferiu ficar também. Eles viram velhos limpar os intestinos dos índios que os canibais se preparavam para comer. Com suas maças, eles derrubaram os velhos, mas os canibais lançaram seus cães contra eles e os mataram.

Os Kuben-kran-kegn tinham sofrido grandes perdas. Eles decidiram, então, enviar uma embaixada para uma aldeia vizinha para firmar paz entre eles e aliança contra os canibais. Seis índios, dos quais dois *me-okre*, voltaram à aldeia dos canibais. Alguns, vendo-os, disseram: “Quem são essas pessoas? O que elas querem? Vamos comê-las.” Mas outros, mais avisados, propuseram: “Esperem, vamos atrair os outros e nós comeremos todos.” Eles pediram aos estrangeiros para deixarem as duas crianças na aldeia e irem buscar seus parentes. Quando os adultos se foram, eles agarraram os *me-okre*, amarraram seus braços e pernas e os trancaram em cabanas separadas, sem lhes dar a chance de atender às suas necessidades.

Os Kuben-kran-kegn voltaram em maior número e foram recebidos pelos canibais que sugeriram a alguns guerreiros que fossem cassar uma capivara. O animal vivia em uma gruta da montanha. Os anfitriões mostraram um buraco por onde se podia espiar a capivara, mas, emboscados em um outro buraco que dava também para a cova, eles atiraram contra os Kuben-kran-kegn com bastante cuidado e os mataram um por um. Eles esconderam os corpos na mata, os desmembraram e, ao voltar para a aldeia, os comeram. Eles deram uma cabeça para uma velha senhora. O restante dos índios começava a se inquietar: “Onde estão nossos camaradas?”, perguntavam eles. Eles procuraram em toda parte, entraram em todas as casas e em uma delas eles viram a velha senhora que roía a cabeça humana. “O que estás comendo? — Oh! Somente uma cabeça de capivara. — Não, mostra ela pra nós.” Eles forçaram a velha a lhes mostrar a cabeça e reconheceram um dos seus. Eles jogaram a cabeça contra o peito da velha e foram se

reunir em conselho. “Eles mataram nossos companheiros. Vamos fingir que vamos caçar e convidemos os canibais.” Eles saíram em grupo e, na floresta, mataram seus anfitriões. Eles cortaram os cadáveres ao meio, abriram seus peitos e colocaram neles um bastão para sustentar a cabeça dos mortos. Depois, eles esquartejam os corpos. Eles decoraram as cabeças com plumas de urubu e eles colaram esses troféus em postes que agitaram até sua aldeia. Vendo-os, as mulheres choraram. Eles jogaram os restos mortais em um fosso, próximo do *ngobe*, entraram na casa dos homens, depois saíram de lá para ir massacrar todas as mulheres dos canibais. Em seguida, eles voltaram definitivamente para a casa deles.

Guerra contra os grandes cães

Um grupo de índios, que tinha saído para caçar, se encontrou próximo de uma nascente onde viviam, em um tipo de taipa (*rom-nõngo*) (de *rom*: cão, *nõ*: taipa, *ngo*: água) dos cães tão grande quanto casas. Depois de ter espiado os monstruosos animais, os índios voltaram à sua aldeia anunciando que eles tinham visto cães enormes, muito maiores que os seus, e que caçavam, sozinhos, as antas. Eles propuseram ir capturá-los. Uma grande quantidade de homens se colocou a caminho e se aproximou do lugar onde os jovens cães se divertiam. Eles tentaram apoderar-se dos cães, mas as feras se lançaram sobre eles, os morderam, dilaceraram todos, com exceção dos que tinham conseguido subir numa árvore alta. Durante três dias, os cães esperaram no pé da árvore que os homens descessem e finalmente foram embora. Os Kuben-kran-kegn puderam então voltar para sua aldeia e contar o que havia acontecido. As mulheres lamentaram. Um índio disse: “Vamos caçar tatus, jabutis, antas e trazer a carne conosco. Enquanto os cães nos perseguirem, vamos jogar a carne e teremos tempo de voltar.” No local de água, eles encontraram os cães e conseguiram se apoderar de dois filhotinhos de cães, um macho e uma fêmea, que brincavam no mato. Quando os grandes cães se puseram a persegui-los, eles jogavam-lhes a carne e, enquanto os cães a devoravam, ganhavam tempo. Desse modo, eles puderam retornar para sua aldeia.

Guerra contra os homens-sapos

Alguns homens saíram para caçar, em busca de caça para a preparação de uma festa. Eles acamparam próximo do lago Imoti, no qual viviam os

homens-sapos, que são canibais. Os caçadores deixaram um jovem *me-okre* como guarda do campo e se embrenharam na mata. Então, os homens-sapos chegaram. Eles tinham o corpo vermelho, dentes muito grandes e carregavam fios enrolados em torno dos pulsos como se fossem braceletes. Seus dedos eram armados de garras de jaguar. O *me-okre*, trepado em uma árvore, se deu conta de que eram pessoas malvadas, mas os homens-sapos viram sua sombra no chão e gritaram para ele: “Ei! *I-Tabdyuö* (meu sobrinho ou meu filhinho) — o que há? — O que fazes aí no alto? — Eu guardo o campo, os outros saíram pra caçar. — Desce. — Não, eu tenho medo.” Ele percebeu então o corpo vermelho dos homens e seus caninos, tão longos como as presas dos porcos. Os parentes decidiram ir acampar mais longe. Os outros caçadores, vendo-os se afastar, perguntaram: “Onde vocês vão? — Um pouco mais longe, porque tem muitas formigas aqui e que podem entrar nas nossas orelhas.” Eles foram dormir em uma clareira e, assim que a noite ficou bem escura, não acenderam fogo. Ao amanhecer, eles voltaram ao campo de seus companheiros e só acharam fogueiras apagadas, sangue e ossos. “Os homens-sapos vieram e comeram nossos amigos. Vamos voltar pra aldeia.” Eles voltaram e contaram o que tinha acontecido. Todos os homens foram para a beira do pequeno lago onde acenderam um grande fogo e esquentaram muitas pedras. Quando as pedras estão em brasa, eles as lançaram na água, que começou a ferver. Os atacantes esperaram, o arco esticado. Os filhos dos homens-sapos apareceram primeiro e foram mortos, as mulheres e depois os homens foram na sequência atingidos por flechas. Enfim, apareceu um indivíduo enorme que tinha, bem mais que os outros, resistido ao calor. Era o chefe dos homens-sapos. Ele foi morto, e também o segundo chefe que apareceu atrás dele.

Guerra contra os macacos

Um homem, caminhando na mata, encontrou uma tribo de macacos pretos e barbudos. Eles caminhavam com seus arcos, suas flechas e suas maças e estavam separados por grupos de idade. Um deles carregava um bonito machado na cintura. O homem lhe disse: “Ei, tudo bem? — Somos os *kuben-kukoiti*, respondeu o homem com o machado. — Me dá teu machado, pediu o homem.” O macaco tentou escondê-lo. “Não, eu não posso, eu só tenho esse aqui. — Tu vais encontrar outro com certeza. — Não,” disse o macaco. Mas ele viu que o homem tinha esticado seu arco, mirava nele e, com uma flecha com ponta de ferro, se preparou para atirar. “Me dá esse

machado, senão eu atiro.” O macaco jogou seu machado, o homem o juntou e foi embora. Os macacos soltaram fortes gritos e começaram a perseguir o homem. Eles queriam capturá-lo e devorá-lo com seus grandes dentes. Eles correram e se espalharam por todos os lados para tentar impedir a passagem e, quando já iam conseguir, o homem chegou na beira de um rio que ele atravessou a nado. Os homens-macacos não sabiam nadar. Ainda tentaram passar pelo raso, mas quando a água chegou à altura do queixo, eles tiveram medo e voltaram. O homem voltou para a sua aldeia e disse: “Olhem aqui o machado que eu peguei dos homens-macacos. Prestem atenção, porque os macacos o roubaram de outros homens que viviam perto daqui.”

A mulher e a anta

Perto de uma certa aldeia, corria um riacho cujas margens estavam cobertas por muitos *buritis*: os frutos cobriam o chão. Depois que os homens da aldeia saíram para caçar ao longo do Rio Fresco, uma mulher foi buscar os frutos que seu filho tanto gostava. As antas também gostam dos frutos do buriti e quando a mulher chegou às margens do riacho, ela encontrou uma anta enorme que falou com ela e a possuiu. No dia seguinte, ela voltou bem cedo para encontrar seu amante, a anta, e a cada manhã seguinte o casal se encontrava. Um dia o garotinho disse à sua mãe: “Eu quero te acompanhar no rio. — Não, disse a mãe, fica na aldeia, eu vou buscar pra ti muitos frutos.” Mas a criança insistia e repetia: “Eu quero ir lá também.” Ele insistiu tanto que a mãe teve de levá-lo com ela. Ela o deixou embaixo de um buritizeiro e lhe disse para ficar comendo os frutos. Mas a criança não se contentava. “Eles estão muito duros, eu queria juntar alguns mais macios em outro lugar.” A mulher saiu para encontrar a anta em um matagal. A criança caminhava na margem, mas foi logo picada por muitos mosquitos (piuns) e começou a chorar e a chamar sua mãe: “Mãe, mãe, vamos embora, os piuns estão me comendo.” A mãe respondeu: “Fica aí onde estás, eu volto logo e vou te dar frutos.” A criança atravessou o riacho e foi em direção ao lugar de onde vinha a voz de sua mãe. Ele ouviu os gemidos e os gritos. Aproximando-se, viu a anta, com a língua para fora, copulando com a mãe dele. A criança estava com as mãos cheias de frutos; ela pegou um caroço bem grande e o jogou na cabeça do animal. A anta gritou de dor, se afastou bruscamente da mulher e fugiu. A mulher se sentiu péssima e ficou por um instante como se estivesse morta. Quando ela recobrou os sentidos, perguntou: “Porque vieste aqui? Eu te disse que devias ficar no pé do buriti.” Com uma vara, ela

bateu com força na criança depois a jogou no mato cortante. Ela raspou a cabeça do menino e lhe passou carvão no corpo, o que foi bastante doloroso, pois ele estava todo ferido. O garotinho voltou para a aldeia. Seu pai e os outros homens tinham voltado da caça. A criança correu em direção ao seu pai e lhe contou: “Eu fui procurar buritis com a mamãe. Eu vi ela copular com uma anta. Eu joguei um caroço de buriti na anta e a mamãe me bateu, me jogou no mato cortante e me passou carvão.” O pai ficou furioso e prometeu: “Amanhã, vamos matar a anta na mata.” No dia seguinte, eles se levantaram bem cedo. A mãe ordenou ao seu filho: “Não vai com teu pai, fica aqui. — Eu quero ir lá, respondeu a criança. Meu pai deve me ensinar a caçar.” Eles saíram e, ao chegar à floresta, ficaram escondidos atrás de uma árvore. Os outros caçadores foram pela extremidade da mata onde se encontravam as antas e as espantaram em direção àquele que estava de vigia. Várias antas foram abatidas, mas não o amante da mulher. Enfim, os caçadores encontraram a anta e a obrigaram a correr em direção ao marido. A criança reconheceu o animal por causa da sua cabeça inchada no local onde ele havia jogado o caroço de buriti. O pai foi avisado: “Aquele ali que vem.” Atravessado por uma flecha, a anta caiu, morta. Os caçadores chamaram as pessoas da aldeia e se reuniram em torno da caça, mas como havia muita caça para levar, decidiram assar a carne lá mesmo. O marido enganado cortou escondido o pênis da anta, e, embrulhando-o nas folhas, o colocou embaixo das pedras do forno. A vara se alongou e endureceu. O homem a escondeu em um embrulho de folhas e a levou consigo. “O que tens aí nesse embrulho? perguntou sua mulher. — Nada, uma coisa minha.” Ele a escondeu no teto da cabana. Na noite seguinte, enquanto a mulher dormia, o marido se aproximou dela e lhe enfiou a vara da anta na vagina. A mulher soltou um grito e morreu. Na manhã seguinte, sem nada dizer, o homem foi ao *ngobe* e ordenou à criança para acordar sua mãe. O menino a sacudiu e gritou: “Mãe, mãe, levanta!” Mas ela não se mexia, pois ela estava morta. Então, as outras mulheres cortaram seus couros cabeludos, se pintaram e lamentaram. Cavou-se uma cova para a morta. Quando a carregaram, a vara da anta caiu. Os parentes da mulher compreenderam então: “Foi com isso que seu marido a matou.” Eles decidiram vingá-la e, escondidos, fizeram cordas. Eles tinham resolvido matar o marido durante seu sono, mas ele, desconfiado, não dormia. Cada vez que os parentes de sua mulher se aproximavam dele, encontravam-no com os olhos abertos. No dia seguinte, eles o acusaram publicamente de ter assassinado sua parenta. O marido negou e trocou insultos com o irmão de sua mulher. Nas três noites

seguintes, o marido tentou não dormir. Na quarta noite, não podendo mais se manter acordado, ele adormeceu encostado a uma viga da casa. Um de seus inimigos se aproximou dele e deu-lhe uma bordoadada nas suas costas. Vendo que o marido estava com os olhos fechados, ele desferiu um golpe de borduna na cabeça e o matou. O corpo foi enrolado em cordas, levado até o rio e jogado na água.

As mulheres que se tornaram peixes

(Outros amores com um homem-anta)

Em uma aldeia, as mulheres tinham por amante um homem-anta chamado Bira. Elas iam aos jardins todas juntas e, no retorno, deixando as provisões nas casas, elas passavam atrás das casas, dando a volta na aldeia, iam reencontrar seu amante e copulavam com ele. Dentro do *ngobe*, os homens reclamavam de que as refeições nunca eram preparadas e que as crianças ficavam abandonadas.

Um caçador, no rastro de caça, deu a volta na aldeia e tomou um caminho desconhecido. Ele chegou então próximo da cabana onde o homem-anta fornicava com as mulheres. Escondido atrás de uma grande árvore, ele viu virem as mulheres e testemunhou seus divertimentos. Ele voltou à aldeia e contou o que tinha visto a seus companheiros do *ngobe*. Todos decidiram ir matar aquele homem. De noite, eles prepararam suas flechas e partiram no dia seguinte. Eles avançaram lentamente em direção à cabana, cercaram-na e um deles feriu com uma flecha o homem-anta, que escapou sob a forma de anta. Perseguido, ele foi emboscado no momento em que ele ia atravessar o rio. Os caçadores o mataram, o trincharam e assaram sua carne em um forno. Eles levaram os pedaços para a aldeia, sem tocá-los, pois era carne humana. Eles chamaram as crianças e lhes ordenaram: “Aqui está a carne de caititu pra vocês. Comam-na, mas deixem a carne da anta pras mulheres. Quando elas tiverem comido, digam-lhes: Porque vocês não nos deram da carne da anta? Depois, digam-lhes em seguida: Vocês devoraram a carne de seu amante.”

Ao voltar das plantações, as mulheres foram, como de costume, na cabana do homem-anta, mas elas não o encontraram. Seguindo os rastros, elas se deram conta do que havia se passado e disseram: “Os homens mataram nosso amante. Nós não iremos mais às hortas por eles. Vamos dançar perto do rio e nos transformemos em peixes.”

No dia seguinte, todas elas foram à beira do rio, limpavam uma ponta do terreno, para poder aí dançar. Cantando e dançando, elas se aproximavam da beira do rio e depois recuavam. Quando elas já tinham cantado e dançado muito tempo, elas correram para a água, mergulharam lá e foram transformadas umas em surubi, em piranha e outras em trairão. Uma mulher, dançando, caiu sobre um homem que fazia uma flecha. Ela a quebrou e enfiou a ponta no ânus. Essa mulher se tornou a arraia. Uma outra pulou na água com um pilão e tornou-se o poraquê. Uma mulher, no momento de mergulhar, foi segurada por seu marido. As outras mulheres bateram nela com varas e ela, com seu marido, foi transformada em árvore (*meomyekãgo*).

Aventuras de Takakö e de seu cunhado O'ombre

Quando as mulheres foram metamorfoseadas em peixes, os homens ficaram sós com as crianças. Eles abandonaram a antiga aldeia e foram morar em outro lugar. Um índio, chamado Takakö, ordenou a seus filhos que construíssem uma nova aldeia com dois *ngobe*. Quando todas as casas, formando um grande círculo, foram concluídas, Takakö entrou em casa, deitou-se e cantou durante toda a noite. Antes de amanhecer, ele enviou seu filho à nova aldeia. O jovem rapaz pegou uma tocha e se aproximou com precaução das novas moradas. Quando ele chegou perto delas, ele ouviu um rumor, barulhos de pilão e das mulheres que, sussurrando, calavam seus filhos. A nova aldeia estava cheia de gente. O rapaz voltou para avisar seu pai. Este, acompanhado de seus filhos, entrou na aldeia, por volta de meio-dia, quando o sol estava alto. Eles entraram nos *ngobe*.

Os dois cunhados e as mulheres-peixes

Takakö possuía um remédio mágico e foi cortar um cipó. Ele pegou um fruto, que ele amarrou na extremidade do cipó. Depois ele foi até a margem do rio e jogou o cipó como se faz com uma linha de pesca. Um peixe mordeu no fruto. Takakö tirou bem rápido o cipó e o peixe caiu na beira. O animal se debatia, tentando voltar para a água, mas o homem conseguiu dominá-lo e o peixe transformou-se em uma mulher. Era Kaprãkudyö que Takakö levou para a casa dele. A mulher acendeu o fogo, debulhou milho e preparou um mingau para seu marido, para seu filho, e colocou uma porção de lado para seu irmão O'ombre, que tinha saído para caçar. Quando, de noite, O'ombre

voltou, ele disse: “Está cheirando a peixe aqui, minha irmã deve estar aí. — Não, respondeu Takakö, não há ninguém. — Mas quem pilou o milho? — Fui eu, disse o marido, fui eu quem preparou um mingau.” O’oimbre não estava convencido e partiu à procura de sua irmã. Ele se transformou em formiga (*beture*) e subiu em todas as paredes, sem nada encontrar. Ele se transformou em uma outra formiga (*mrumkrore*) sem melhor resultado, então ele se transformou em *mrumore* (“formiga-de-fogo”), subiu no teto e picou sua irmã que, sob o efeito da dor, se levantou. Voltando para perto de seu cunhado, O’oimbre perguntou: “Como fizeste para conseguir pescar minha irmã? — Eu peguei um cipó, depois um fruto...” O’oimbre não ouviu o restante, ele correu para a mata, quebrou um galho de árvore, amarrou nele frutas e o colocou mergulhado na água. Naturalmente, ele não pegou nada. Ele voltou para dizer ao seu cunhado que ele não tinha pegado nada. Takakö lhe explicou: “Tu saíste sem me escutar. Pega o cipó, vai colher um fruto, prende ele na ponta do cipó e lança essa linha de pesca na água.” Dessa vez, O’oimbre fez como lhe havia sido dito e conseguiu retirar um peixe da água. Mas em vez de o pegar, ele tentou enfiar seu pênis na boca do peixe. O peixe saltou na água e disse: “Tu mataste nosso marido (a anta), eu não te quero.” O’oimbre se jogou na água e procurou em todos os lugares o peixe, mas só revirou limo ou pontas de pau podre. Ele saiu da água, tremendo de frio, e teve de ficar se esquentando ao sol. Ele voltou para a água e procurou ainda durante muito tempo, mas não conseguiu nada. Do rio, ele só tirava lixo. Enfim, ele voltou para sua casa. Takakö constatou: “Tu não prendeste mulher. — Não, eu até consegui tirar um peixe, mas quando eu quis copular com ele, ele caiu na água. — Tu és besta,” concluiu Takakö...

*

* *

Takakö e O’oimbre foram limpar o terreno de uma plantação. Eles derrubaram árvores e, quando estas já estavam secas, voltaram para as queimar. O’oimbre se sentou no meio do campo e quebrou caroços de tucum para comê-los. O fogo o surpreendeu. Ele gritou e desapareceu no interior das chamas.

Takakö voltou para casa e disse à sua mulher Kaprãkudyö: “Teu irmão não vale nada. Ele ficou no meio do campo e as chamas o queimaram.” A mulher chorou por toda a noite. De manhã, Takakö a consolou: “Não chore mais, eu vou refazer teu irmão.” Ele voltou à plantação e lá viu O’oimbre,

ainda no meio do campo, que continuava a quebrar as nozes e as comia. Cercado pelo fogo, ele tinha se escondido embaixo de um tronco de árvore e tinha escapado das chamas. Os dois homens plantaram todo tipo de espécies e voltaram para a aldeia. Takakö contou porque O’oimbre estava salvo.

O’oimbre transformado em tatu

Takakö saiu para caçar com seu cunhado, O’oimbre. Ele matou um pequeno tatu que eles comeram. O’oimbre, procurando a melhor carne, propôs matar outros tatus. Takakö teceu um paneiro que ele transformou em um grande tatu. Quando O’oimbre viu o animal, ele correu por trás dele para pegá-lo, mas o tatu cavou um buraco e se enfiou nele. O’oimbre cavava atrás dele, e o seguiu sob a terra. Ele agarrou a cauda do tatu, mas este, mudando de direção, foi ainda mais para o fundo. Takakö esperava e, não vendo O’oimbre retornar, voltou para sua casa. Sua mulher Kaprākudyö perguntou: “Onde está meu irmão? — Ele voltou junto comigo, mas eu o segui, ele deveria já ter chegado.” O casal esperou a noite toda e, de manhã, Takakö disse: “Eu vou procurar meu cunhado.” Ele retornou ao local onde O’oimbre tinha entrado na terra e o chamou: “Cunhado!” Ele o ouviu cantar. Takakö gritou: “Sai daí. — Não, eu não quero. — Faz um buraco e sai. Não, eu não quero.” O’oimbre tinha se transformado em tatu.

Takakö voltou para junto de sua mulher e lhe disse: “Teu irmão não quer sair. Ele se tornou tatu.” Kaprākudyö chorou.

A criação dos porcos

Depois de ter feito surgir os homens de debaixo da terra, O’oimbre deixou a aldeia depois de uma briga que seu filho teve com os homens do *ngobe*. Ele construiu sua cabana a uma certa distância. Um dia, ele mandou seu filho à casa de seus parentes maternos lhes pedir um pouco de comida, bolos, qualquer coisa. Quando a criança chegou junto deles, os parentes, em vez de lhe dar o que ele pedia, o enviaram ao encontro de caçadores para que ele lhes desse as tripas da caça. O’oimbre esperou seu filho durante todo o dia. Ele estava com fome e furioso. Quanto, de noite, o filho voltou, O’oimbre lhe perguntou o que ele tinha feito. A criança contou que seus parentes o tinham mandado para a mata. O’oimbre se aborreceu com a família. Ele pegou penas de diferentes pássaros, espinhos de tucum, misturou-os e fez um encantamento. Ele procurou uma grande laje e, de noite, foi à casa dos

parentes. Ele jogou seu pacote mágico no interior da cabana, que ele fechou com a laje. No meio da noite, uma criança levantou e quis sair para urinar. Ele pediu à sua mãe para acompanhá-lo. A mãe recusou: “Estou com sono, vai sozinho. — Não, vem comigo.” A mãe não queria ser incomodada. Pouco tempo depois, a criança se pôs a chorar e disse: “Eu não acho a porta.” Ele a procurou Tateando quando, de repente, seu choro se transformou em rosnado; ele tinha se metamorfoseado em filhote de porcão. Sua mãe quis chamá-lo, mas, ela também, começou a rosnar. Todas as pessoas da casa se tornaram porcões.

No dia seguinte, Takakö fez flechas e, aproveitando a ausência de O’oimbre que tinha saído para caçar, levou seu próprio filho à cabana dos porcões. Ele recolhia frutos de tucum, de inajá e de outras plantas que os porcões apreciam. Ele bateu um caroço de tucum contra outro para chamar a atenção dos animais, entreabriu a porta, deixou sair um porcão, atirou nele com uma flecha e o matou imediatamente. Ele fechou novamente a porta. O filho de Takakö, que tinha subido numa árvore, desceu e retornou com seu pai.

Enquanto isso, O’oimbre tinha voltado com um *caititu*. Quando ele viu a cabeça do animal que seu cunhado estava assando, ele lhe disse: “Mataste um porcão. — Não, respondeu Takakö, era um caititu. — Não é possível, respondeu O’oimbre, o focinho dele é bem mais longo.” Ele colocou as duas cabeças uma de frente para a outra e fez com que ele comparasse as larguras. Takakö insistiu: “É um caititu.”

No dia seguinte, Takakö foi sozinho para a mata, pois seu filho, machucado no pé, não podia caminhar. O’oimbre foi encontrar a criança. “Sobrinho, me diz onde teu pai encontrou aquele porcão.” O pequeno recusou-se a dizer. O tio insistiu e pediu para ser levado ao local. A criança, argumentando que estava batida, se recusou. O’oimbre o colocou sobre seus ombros e eles foram até onde Takakö tinha juntado frutos para oferecer aos porcões. O tio encheu um panelo com os frutos. Carregando o panelo e seu sobrinho, ele chegou à casa dos animais. Ele jogou todos os frutos no chão e abriu a grande porta. Os porcões correram para fora em grande quantidade. O’oimbre atirava todas suas flechas neles, sem ferir nenhum. Os porcões, furiosos, se voltaram contra ele e o despedaçaram. O sobrinho tinha subido numa árvore, mas os porcões a desenterraram e fizeram a criança em pedaços. Só um pedaço de pele ficou preso num galho.

Takakö, voltando para casa, esperou seu filho. Sua mulher lhe disse que ele tinha saído com O'ombre. Takakö suspeitou que eles tinham saído para caçar os porcos. Ele foi até a casa deles, encontrou a porta aberta e os animais fugidos. Ele procurou em toda parte até que descobriu o farrapo de pele, preso em um galho. Ele recolheu as menores pontas de osso e de carne, refez a cabeça com um cabaça, as tripas com cipós, um coração e um fígado com folhas, as costas com paus. Ele colocou tudo sobre folhas de bacaba. Como ele enquanto arrastava o pacote no chão, a criança se acordou e perguntou o que tinha acontecido com ele. O pai lhe contou que os porcos o tinham despedaçado. Takakö refez da mesma maneira seu cunhado. Quando O'ombre soube o que tinham feito os porcos, ele foi ao encalço deles, munido de seu arco e flechas, mas os porcos tinham três (?) dias de vantagem. Depois de ter atravessado inúmeros rios, inúmeras montanhas, O'ombre, chegando às margens do Xingu, estava quebrado de cansaço. Ele deu meia-volta e retornou, de mãos vazias, para a casa de seu cunhado.

A criação da castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*)

Takakö e O'ombre foram à mata juntar castanhas de sapucaia. O'ombre encheu um grande panela. Uma arara amarela passou no céu. Takakö gritou para ela: “Arara amarela, te transforma em castanha-do-pará.” A arara se transformou em uma castanheira baixa, não maior do que um piqui. Quando Takakö mostrou a castanha-do-pará, seu cunhado disse: “Estas são as castanhas-do-pará. — Não, são castanhas de sapucaia. — Não, são castanhas-do-pará. Vê como elas são diferentes. As sapucaias são moles, estas aqui são duras. Não são os mesmos frutos.” Finalmente, Takakö acreditou que eram castanhas-do-pará. O'ombre quis, de qualquer modo, achá-las também. Ele procurou na mata, mas não conseguiu descobrir a árvore que tinha aquele fruto. Ele aborreceu tanto seu cunhado que este contou da transformação da arara. O'ombre perguntou a fórmula mágica e, quando ele viu passar uma arara, gritou: “Arara, te transforma em castanha.” Mas ele estava desprovido de poder e a ave voou para longe. O'ombre voltou para casa e contou sua desventura.

Os dois cunhados foram ao pé de castanha-do-pará. Eles juntaram os frutos caídos no chão, os quebraram e subiram os dois na árvore para colher frutos frescos. Eles já haviam pegado uma grande quantidade quando Takakö prendeu uma folha entre seu primeiro e seu segundo dedo do pé e deslizou. Sua queda foi amortecida e ele caiu lentamente, sem se machucar. O'ombre,

da árvore, perguntou como ele tinha descido. “Então, vim deslizando por um cipó. — Não é verdade, eu te observei, não desceste assim.” Takakö explicou que ele tinha usado uma folha. O cunhado quis imitá-lo, mas ele acabou se arrebatando no chão, e morreu.

Vendo Takakö voltar sozinho, sua mulher lhe perguntou o que tinha acontecido com O’oimbre. “Ele vai vir. Ele subiu numa árvore e vem atrás de mim.” Mas o cunhado não voltava mais e Takakö teve de confessar o que tinha acontecido. Ele voltou ao pé da árvore, juntou os restos de O’oimbre, fez para ele tripas com cipós e frutas, o envolveu com folhas de bacaba e o arrastou no chão. O’oimbre despertou e perguntou o que tinha se passado. “Subiste na castanheira, e tu te mataste caindo.” O’oimbre, furioso, pegou folhas de bacaba e de tucum, e bateu na árvore. A castanheira sacudiu, sacudiu e cresceu até atingir o tamanho que ela tem hoje. Takakö perguntou a seu cunhado porque ele tinha feito aquilo.

As aventuras de Sakawãpö

Um clã de Kayapó, tendo deixado o Riozinho para descer em direção do Rio Fresco, foi atacado pelos “cristãos” que massacraram todos os guerreiros, com exceção de um só. O sobrevivente conseguiu chegar à mata onde ele vagou durante semanas antes de chegar às margens do Xingu. Ele escutou, então, uma voz que dizia: “Ei! Sakawãpö, de onde vens?” Ele olhou em volta, mas nada viu. De novo, ele ouviu seu nome e uma voz que perguntava de onde ele vinha, e ele percebeu na água um enorme caimã. Sakawãpö lhe explicou que, depois de ter saído com outros índios e ter sido atacado pelos “cristãos”, sozinho, ele tinha conseguido escapar. “Eu procuro meu caminho e preciso atravessar o rio.” “Sobe nas minhas costas”, propôs o caimã. O homem, que estava com muito medo, recusou. “Sobe”, insistiu o caimã. “Eu não te farei nada.” Finalmente, Sakawãpö subiu e o caimã entrou na água. Ele nadou durante muito tempo sem chegar à margem. Quando eles iam encostar, o caimã disse: “Tu estás a me insultar. — Eu não, eu não digo nada, protestou o homem. — Sim, tu me trataste como *nokotu* (de *noko*: sobranceiras, *nokotu*: sobranceiras salientes) de *yamü-kakye-reti* (de *yamü*: cauda, cauda em forma de serra). — Não, eu não disse nada. — Sim, tu disseste que eu tinha dentes longos (*yaruti*), uma barriga enorme (*ñõkêti*.)” Sakawãpö estava cada vez mais assustado, e, vendo um galho de árvore que se estendia sobre o rio, se prendeu nele e fugiu. Ele correu ao longo da margem, perseguido pelo caimã e avistou um jaburu (*kamri*) que

pescava. O jaburu perguntou o que ele fazia ali e Sakawãpö contou sua história. Ouvindo o caimã se aproximar, o homem se escondeu no paneiro do jaburu e se cobriu com os peixes tirados da água. O caimã, chegando lá, pediu Sakawãpö: “Onde ele está? Eu o ajudei a atravessar o rio e disse pra ele que ele tinha me insultado, ele ficou com medo e fugiu.” O jaburu se fez de desentendido. “Entretanto, seus rastros levam e param aqui”, insistiu o caimã. Ele deu a volta e se dirigiu em direção ao paneiro onde ele procurou, mas como o seu braço era curto, ele só conseguiu alcançar os peixes e, então, foi embora.

Sakawãpö saiu de seu esconderijo e continuou sua jornada. Ele atravessou vários rios e encontrou um veado (*niadyö*). Ele esticou seu arco para matá-lo, quando o veado falou: “Não me mate. Foste tu quem já me feriu e eu carrego no meu corpo a flecha que tu me lançaste. Eu vou te mostrar a casa onde tu me emboscaste para atirar em mim. Ela fica perto de uma árvore onde eu comia as frutas caídas no chão.” Sakawãpö não queria acreditar nele, mas o veado lhe mostrou sua ferida onde a flecha estava ainda cravada. O veado o acompanhou durante certo tempo, mas depois o deixou para ir pastar. Cansado de esperar, Sakawãpö retomou seu caminho.

O segundo animal que ele encontrou foi uma anta na direção da qual ele preparou seu arco, mas a anta falou para ele: “Não me mate. Foste tu quem já me feriu e eu carrego no meu corpo a flecha que tu me lançaste.” Ela mostrou sua ferida e se ofereceu para levá-lo em direção ao caminho certo. No meio do caminho, a anta sentiu fome e disse a Sakawãpö: “Me espera, eu vou comer algumas frutas.” O homem esperou durante muito tempo, depois, cansado, ele partiu novamente.

Em um galho de árvore, um macaco, *kukoire*, estava pendurado. Sakawãpö quis lançar nele uma flecha, mas o macaco falou: “Não me mate. Foste tu quem já me feriu e eu carrego no meu corpo a flecha que tu me lançaste.” O homem não queria acreditar nele, mas o macaco lhe mostrou a flecha, presa no galho. Sakawãpö não atirou no animal, que o acompanhou para mostrar a ele o caminho. Como antes, o macaco deixou o homem e foi comer frutas, Sakawãpö continuou sozinho, então, seu caminho. Quando ele encontrou um quati, ele disse para si: “Desta vez eu não o deixarei falar. Eu o matarei logo.” Mas o quati, como os outros animais, lembrou que ele já o havia ferido; poupado, ele seguiu caminho com o quati até o momento em que este o deixou sozinho para ir comer frutas. Sakawãpö caminhou ainda durante muito tempo só, e chegou a uma aldeia abandonada. Nas

cabanas, as cinzas ainda estavam quentes provando que os habitantes não podiam estar longe. Sakawãpö ficou por muito tempo lá e continuou sua caminhada. Finalmente ele encontrou seu próprio irmão que se espantou de vê-lo sozinho e no caminho certo. Sakawãpö contou o massacre de seus companheiros. Sua mãe e as outras mulheres choraram pelos mortos.

Origem dos cristãos

Foi um pouco antes da festa de kurukãgo. Todos os homens estavam na caça. Um lagarto, *pino*, chegou perto de uma moça que tinha ficado na aldeia com seu pai e sua mãe. De noite, ele voltou e fez amor com ela e o mesmo aconteceu por várias noites. A mãe da jovem, ouvindo um barulho, se perguntou quem estaria falando com sua filha. Na noite seguinte, ela não dormiu e escutou. Ela se convenciu que um homem vinha toda noite dormir com sua filha, mas ela não conseguia ver seu rosto. Ela se levantou ao nascer do sol e se escondeu perto da porta. Ela ouviu bem alguém sair, mas não viu nada. Ela olhou em todo lugar e deu com um lagarto que subia pelo tronco de uma árvore. Ela entendeu que era o amante de sua filha. Ela foi contar a coisa a seu marido e ambos decidiram queimar a árvore para matar todos os lagartos que estivessem escondidos lá. O casal amontoou paus e folhas secas no pé da árvore e tocaram fogo. Se eles tivessem colocado mais materiais, todos os lagartos teriam morrido, mas eles não foram tão cuidadosos e alguns répteis, caindo no fogo, conseguiram escapar. Eles foram aumentar as águas de um pequeno riacho que se tornou um grande rio. Seguindo o curso desse rio, os índios chegaram a uma aldeia com grandes casas. Os galos cantavam. Era a aldeia dos lagartos, metamorfoseados em “cristãos.”

A mulher do lagarto estava grávida. Ela deu à luz uma criança que, a cada dia, se transformava em pequenos lagartos que dormiam junto de sua mãe. Os parentes da jovem queriam matar aqueles animais, mas quando, no dia em que seu avô pensava matá-los, sua mulher o impediu dizendo que era uma criança. Numa noite, no entanto, os avós mataram a pauladas os lagartos. Quando a jovem se levantou, só havia sobrado um deles. Ela o segurou nos braços e gritou: “Não o mate, ele é meu filho. — Não, disseram seus parentes, era um bicho.” Enterraram os lagartos mortos, e a jovem mulher partiu com o sobrevivente. Ambos se tornaram, por isso, “cristãos” e possuíam muitos machados.

Tedyuare, o homem com a perna pontuda

Tedyuare, pescando com seus companheiros, foi ferrado por uma arraia. Sua perna gangrenou e ele teve de ser levado até a beira da estrada onde seus camaradas o deixaram esperando que sua família, já avisada, fosse buscá-lo. Quando ficou sozinho, o ferido esfregou areia no osso de sua canela que os vermes haviam deixado à mostra, para que o osso ficasse tão afiado quanto uma ponta de flecha. Depois ele cobriu sua perna com areia, para que ninguém a percebesse. Pela manhã, seu filho chegou e Tedyuare lhe pediu para ele virar e colocá-lo sobre suas costas. mas, em vez de subir no rapaz, o pai o matou com um golpe de sua tibia pontuda. No caminho, ele matou outras pessoas. Uma mulher, que ele tentou assassinar também, subiu num pé de bacaba e conseguiu cravar uma folha daquela palmeira na garganta. Tedyuare, ferido, fugiu em direção à aldeia onde ele massacrou ainda tantas outras pessoas quantas ele pôde. Os sobreviventes se refugiaram na mata e lá fizeram um boneco, a partir de um tronco de árvore, colocando nele braços e cobrindo-o com penas. Enganado, Tedyuare quis perfurar com sua tibia a árvore que ele pensava ser um homem. Mas a perna ficou presa na árvore e os índios puderam sair de seu esconderijo e fazer justiça na pessoa do assassino.

O velho marido e a fundação de uma nova aldeia

Um velho, de nome Kurere, tinha desposado uma mulher muito jovem. O marido passava seus dias no *ngobe* e quando as amigas da jovem lhe convidavam para sair com elas, ela recusava, porque seu velho marido a havia proibido. Elas insistiram tanto que uma vez a jovem cedeu e passou um dia todo fora. Quando o marido voltou, não a encontrou na casa. Ele se sentou na sua cama e esperou. Ela só voltou à noite. Às perguntas do marido, ela respondeu que tinha saído para se divertir com uma amiga. O idoso não acreditou nela e a acusou de ter ido encontrar um amante. Por mais que a jovem negasse, sua mãe aconselhou o marido a bater nela, o que ele fez. A jovem chorou e decidiu que ela não queria mais aquele velho por marido. Kurere foi à casa de sua irmã a quem ela pediu para raspar a cabeça, para poder, no dia seguinte, partir para a guerra. Depois, ele voltou ao *ngobe* e ordenou aos *me-okre* que limpassem o lugar de dança. Ele se enfeitou com suas mais bonitas penas e dançou. Sua mulher veio vê-lo, mas quando ele a notou, ele a pegou pelo braço e a mandou embora. Ela chorou e sua mãe lhe disse para deixar o velho.

Kurere partiu de manhã, com uma guarnição de bolos que tinha sido dada a ele por seus parentes. Ele atacou uma aldeia de índios e matou muita gente. No retorno, ele encontrou uma bonita região de campo e, entrando na aldeia, propôs aos homens que ele ficasse ali. Para chegar ao local, era preciso atravessar um grande rio que se chamava Kokatí. Apesar das piranhas que o infestavam, uma metade da aldeia o atravessava e se estabelecia naqueles bonitos campos. A outra metade voltou pelo caminho de onde tinha vindo e retornou para sua antiga aldeia. São os Gorotire.

O dilúvio

Em um acampamento abandonado, um homem esqueceu algo. Ele voltou sobre seus passos para pegar o objeto quando, passando perto de um rio, ele viu homens nus que, sentados sobre sua longa cabeleira, flutuavam na água. Não eram nem índios nem “cristãos”, mas espíritos. O índio, com seu arco atirou em um deles. O espírito caiu soltando um grande grito e a água começou a subir, a subir. Enlouquecido, o índio correu para sua aldeia, perseguido pelas águas. Ele só teve tempo de colocar um filho no abrigo, em um pilão (*kaiva*). Os homens subiam pras montanhas e rochedos. Um rapaz conseguiu pegar os galhos de um jatobá. Ao final de dez (?) dias as águas começaram a baixar e o jovem decidiu esperar, para descer, que a terra estivesse seca. Mas o tronco da árvore era tão grosso que ele não tinha como escapar dali. Ele se transformou, então, em macaco (*kukoire*). Um outro rapaz que tinha ficado colado contra um tronco de árvore tornou-se uma abelha (*kukrati*). Quanto à criança dentro do pilão, ela foi metamorfoseada em sapo. Muitas pessoas tinham morrido e aqueles que escaparam conseguiram voltar à sua aldeia.

Origem da cobra sucuriju (anaconda, *Eunectes murinus*)

Um homem, alvo da hostilidade de sua sogra, que constantemente reclamava que ele ficava seu tempo no *ngobe* e não fazia nada em casa, decidiu, um dia, não sair. Desconfiada, sua mulher suspeitou de uma má-intenção dele. Assim que a mulher foi dormir, o marido puxou seu clitóris; ele puxou durante toda a noite, de modo que, pela manhã, o clitóris estava tão longo como a casa, e o marido foi ao *ngobe*. Constatando o que lhe havia acontecido, a mulher se entristeceu e tentou reintroduzir seu clitóris, sem conseguir. Sua mãe, vendo-a sentada, perguntou a ela por que ela não ia

se banhar. “Eu não posso, respondeu a filha, estou doente.” A mãe pensava que sua filha tinha feito amor. De repente, ela viu o clitóris desmesurado e se aborreceu. Ela pegou uma esteira, envolveu a cintura da moça e a levou até o rio. O clitóris arrastava-se pelo chão, atrás da mulher. Um rapazinho pensou que fosse uma cobra e se preparava para lançar nela uma flecha quando a mãe, prevendo seu gesto, gritou que não era um animal, mas o clitóris de sua filha, esticado pelo marido.

Na beira do rio, a mãe estendeu palha, cobriu-a com a esteira e fez a filha se deitar nela. Recomendando-lhe de não gritar, ela cortou o clitóris com uma lasca de taquara. Mas a dor foi tanta que a jovem gritou e desmaiou. O clitóris se transformou em uma grande sucuriçu (*mrokaok*) que se jogou na água.

A mãe acordou a moça jogando nela água. Depois, ela a banhou, pois ela sangrava muito. Ela teve de ficar deitada. Seis dias mais tarde, ela estava melhor, então sua mãe lhe disse: “Teu marido é mau. Deixa ele.”